



Mesa Temática: DA PASTORAL BÍBLICA À ANIMAÇÃO BÍBLICA DE TODA A PASTORAL – DO CONCÍLIO AOS NOSSOS DIAS

Mercedes de Budallés Diez

Introdução

As considerações sobre o caminho da Pastoral Bíblica até a Animação Bíblica de toda a Pastoral desde o Concílio Vaticano II até nossos dias poderiam ser feitas a partir de uma dimensão diacrônica, transhistórica, aquela que perpassa o tempo. E/ou desde uma dimensão sincrônica que focaliza o aqui e agora na Igreja de América Latina. Opto, entre essas duas dimensões, por me aprofundar na interpretação do caminho bíblico nestes cinquenta anos de história do nosso Continente, mais do que relatar cronologicamente a memória de Congressos, Assembléias e Documentos.

Tentarei partilhar a minha compreensão da Pastoral Bíblica na América Latina dentro das experiências recolhidas no cotidiano, visando à animação bíblico- catequética. Pois creio ser muito importante lembrar que, além dos documentos de Instituições, Sociedades e Igrejas, existiram comunidades e pessoas reais, com experiências bíblicas espalhadas pela 'Pátria Grande', especialmente entre as Comunidades Eclesiais de Base que, comprometidas com uma nova leitura bíblica, semearam estudos, chaves de leitura e interpretações bíblicas que delinearão sua 'animação bíblica' na mística e nas suas realidades e opções de suas vidas.

1. O uso da Sagrada Escritura na América Latina preparou a acolhida das orientações do Concílio Vaticano II

“No começo a Palavra já existia: a Palavra estava voltada para Deus... Tudo foi feito por meio dela...” (Jo 1,1-3)

Foi tempo de semear experiências que deram seu fruto, recolhido e visível, depois no Concílio. Existem bons estudos e artigos sobre esta realidade como é a história da leitura bíblica na América Latina do nosso colega Valmor da Silva e companheiros¹ ou da depois chamada Pastoral Bíblica no nosso Continente, antes e depois do Concílio, como são os escritos de Gabriel Naranjo Salazar², especialista neste assunto. Realmente, houve um grande esforço, por acompanhar a evolução da leitura bíblica tanto entre os católicos durante os últimos anos, especialmente pela Federação Bíblica Católica (FEBIC), que no dizer de Enzo

¹ SILVA, Valmor, QUARESMA, Herminio. PULGA, Rosana. “Historia de la lectura de la Biblia em América Latina” In: La Palabra Hoy, vol. XIX, n° 71/72. Ano 1994, pp.27-59.

² NARANJO, Gabriel, C.M. “El camino de la Pastoral Bíblica antes y despues del Concilio em América Latina” In: Revista Medellín, vol. XXXV- n° 137/ Marzo 2009, pp. 5-36.

Bianchi, contribuiu muito para ‘terminar con el exílio de la Palabra’.³ E igualmente foi muito rico o empenho das Sociedades Bíblicas Unidas.

Penso, considerando sempre o objetivo do nosso Congresso, ser interessante recordar qual foi o uso da Sagrada Escritura na história e na Igreja Latinoamericana. Dizem os historiadores que Cristóvão Colombo trazia na bagagem a primeira Bíblia que entrou no Continente. Luis Salem escreveu sobre Colombo que “cuando las tempestades del océano hacían peligrar sus frágiles carabelas, tomaba en sus manos un ejemplar de los evangelios y con ferviente espíritu de fé, leía en voz alta el Prólogo de San Juan, como el mejor remedio para apaciguar las olas”.⁴

Temos dados antigos de como, por exemplo, em 1524, no México, os missionários franciscanos resolveram pregar só o conteúdo da Sagrada Escritura: “no os emos de predicar sino el contenido en este libro y ninguna cosa emos de añadir de nuestra cabeza y tener esto por muy cierto y aberiguado”⁵...

Sabemos, ainda, de cópias de Bíblias em línguas indígenas feitas por religiosos franciscanos, dominicanos e jesuítas em *mixteca*, *tarasco*, *náhuatl* e *guarani* e muitas outras línguas ou dialetos.

Muita Bíblia ficou gravada na arte pintada ou esculpida, nos murais e nas imagens das igrejas, na música cantada e até dançada. E assim sendo, as histórias bíblicas foram sendo interiorizadas pelo povo.

Porém, a Reforma Protestante e o Concílio de Trento fizeram perder o lugar privilegiado da Bíblia na evangelização da Igreja Católica que exigiu o uso da tradução latina, a *Vulgata* para evitar abusos nas traduções e interpretações. Assim, até o protestantismo, no momento da conquista, teve muita dificuldade de usar a Bíblia no ambiente da Contra Reforma. Os tribunais da Inquisição em Lima (1568), no México (1571) e em Cartagena (1610) evitaram que a Bíblia chegasse ao povo na sua própria língua.⁶

Substituindo o texto bíblico apareceram os catecismos e manuais de doutrina que deveriam ser memorizados e que foram as fontes da evangelização durante séculos. Algumas memórias simpáticas chegaram até nós:

“Um missionário indigenista contou-me que no começo da sua vida na aldeia dos índios Xerente, um padre de muita idade gostava de relatar seus primeiros anos na missão. Tinham que catequizar aos índios com o catecismo em mãos. O missionário lembrava que ao tentar ensinar os Mandamentos da Lei de Deus, falou com muita veemência sobre o ‘amar a Deus sobre todas as coisas’. Os índios escutavam atentos e calados. Mas, ao ponderar o ‘não tomar o nome de Deus em vão’, um índio interrompeu e perguntou: que quer dizer não tomar o nome de Deus em vão? O padre tentou explicar que era necessário muito respeito para falar o nome de Deus, até reverência. Logo, uma jovem índia interrompeu de novo, dizendo: Não há problema para nós, Padre, aqui o único que fala o nome de Deus é o senhor!”⁷

³ FELDKAMPER Ludger, svd. “La Federación Bíblica católica al comienzo de un nuevo milênio: esperanzas e desafíos”. In: La Palabra Hoy, 92/93. Ano 1999, p. 33.

⁴ SALEM, Luis. “Quinto centenario de la Biblia en América”. In: El Faro, México, nº 107. Ano 1992, p. 107

⁵ LEON-PORTILLA, Miguel. “Los diálogos de 1524 según el texto de Fray Bernardino de Sahagún y sus colaboradores indígenas. Méjico, UNAM, 1968, p.82.

⁶ SILVA, Valmor, QUARESMA, Herminio. PULGA, Rosana. “Historia de la lectura de la Biblia em América Latina” In: La Palabra Hoy, vol. XIX, nº 71/72. Ano 1994, p.47.

⁷ BUDALLES DIEZ, Mercedes. “Memórias de uma missão”. Anotações não publicadas, p. 12.

No interior do Brasil, onde eu morei 20 anos (1977-1996), conheci cidades onde nunca residiram padres ou religiosos. O catolicismo chegou pela ‘desobriga’ anual de missionários que viajavam meses a cavalo catequizando e batizando. A preocupação era a sacramentalização, promover as devoções aos santos como intercessores e uma religiosidade intimista na procura da salvação e santificação pessoal. Ainda assim, muitas histórias bíblicas eram contadas, interpretadas e até cantadas nos chamados ‘benditos’, cantos tradicionais cheios de encanto e piedade que alimentaram e conservaram a fé do povo. Foram as mães, as avós e as rezadeiras as que mantiveram a fé do povo. Seus ensinamentos não passaram pelo conhecimento dos missionários e muito menos pelas Paróquias. Surpreendeu-me descobrir na sabedoria dessas pessoas, textos bíblicos decorados, entre aqueles que nunca viram uma Bíblia e muito menos leram esses textos. Existiam, sim ‘Histórias Sagradas’. Eu mesma encontrei alguns livros vindos de Portugal, que eram guardados como tesouros entre as pessoas mais antigas.

De fato, estas fecundas sementes caíram em terra boa e deram logo muito fruto!

2. A Pastoral Bíblica na América Latina depois do Concílio Vaticano II

A Palavra de Deus é viva e eficaz (Hb 4,12)

A agora chamada “Pastoral Bíblica” nasceu depois do Concílio Vaticano II (1962-1965). Sua função principal foi cumprir o que pedia o Concílio através da Constituição Dogmática sobre a Palavra de Deus, a *Dei Verbum*: que todos os fiéis tenham acesso às Sagradas Escrituras.

De fato, anos antes do Concílio, existia uma preocupação e prática de aproximação aos textos bíblicos e assim é bom lembrar, que reconhecíamos outros termos para o uso, estudo e propagação da Bíblia na evangelização na Igreja Católica, como eram o Apostolado Bíblico e o Movimento Bíblico.

O então cardeal Ratzinger, ao comentar a *Dei Verbum*, ressaltou a importância desses movimentos bíblicos pré-conciliares, se referindo a organizações e grupos de estudo que contribuíram para a aproximação e compreensão da Bíblia pelos fiéis. Esta constatação, que define a pastoral bíblica, era já uma realidade nas vésperas do Concílio Vaticano II⁸.

As iniciativas do Capítulo VI da *Dei Verbum*, ‘A Sagrada Escritura na vida da Igreja’, foram progressivamente assumidas no nosso Continente. Elenco alguns avanços que certamente nasceram depois do Concílio:

- Uma nova estima pela "Palavra de Deus na Celebração Eucarística" com a equiparação e valorização das duas mesas: A ‘Mesa da Palavra de Deus’ e a ‘Mesa do Corpo de Cristo o Pão da Vida’ (DV 21).

- A preocupação com o uso de traduções adequadas e corretas inclusive as dos irmãos separados (DV 22), recomendando os métodos modernos de estudo para uma correta interpretação da Sagrada Escritura (DV 12) incentivando a pesquisa já iniciada (DV 23)

- O reconhecimento da importância da Sagrada Escritura para a Teologia, a Catequese e as Homilias (DV, 24 e 25) que chegou até nosso povo mais simples.

⁸ NARANJO, Gabriel, C.M. “El camino de la Pastoral Bíblica antes y después del Concilio em América Latina” In Revista Medellín, vol. XXXV- n° 137/ Marzo 2009, p. 17.

- A tão valorizada Leitura Orante da Bíblia no Continente tem fundamento nas palavras da *Dei Verbum* “a Ele falamos quando rezamos, a Ele ouvimos quando lemos os divinos oráculos” retomando os escritos de S. Ambrósio (DV, 25).

Alguns estudiosos afirmam que em nenhum outro Continente conseguiu-se uma tão rápida e dinâmica resposta ao Concílio, como na América Latina. Foi a *Dei Verbum* que deu vida, espírito e conteúdo à procura da Palavra de Deus. De fato, como escreveram Frei Carlos Mesters e Francisco Orofino, a Bíblia, desde sempre, fez parte da caminhada do povo. “É a fé do povo que faz acolher a Bíblia como aquilo que realmente é: a Palavra de Deus”.⁹

Para entender este grande avanço da Pastoral Bíblica na América Latina é bom lembrar as etapas no caminho, que recolhiam as iniciativas já existentes e as impulsionavam. De fato, depois do Concílio Vaticano II, no nosso Continente, foram decisivas as Conferências Gerais do Episcopado Latino Americano em Medellín, Puebla, Santo Domingo e agora em Aparecida para fecundar e deixar crescer as sementes bíblicas na nossa terra. Por um lado, pelo conteúdo bíblico dos documentos. Por outro, e mais especialmente, pelo significado pastoral do ‘acontecimento’ como podemos considerar em cada uma das Conferências.

Medellin (1968).

Se graças ao Vaticano II, a Bíblia foi celebrada como história de salvação é porque é a história de um povo que acreditava que Deus caminhava com ele. Em Medellín, os bispos reconheceram que o nosso povo latinoamericano ao ser um povo de fé, com suas dores e esperanças, se sentia convocado a caminhar com a força da de Deus e de sua Palavra (6.9). Assim sendo, a Conferência pediu que a Sagrada Escritura impregnasse as devoções populares (6.12). Que a pastoral tivesse a Palavra como alicerce e força (6.13; 14.14) e a catequese a devia transmitir fielmente (8.6). Que a Sagrada Escritura fosse fonte de oração e estudo (13.10).

Porém, o conjunto das Conclusões de Medellín carece desse enraizamento na Palavra de Deus e em seu método de leitura, iluminando a vida, que depois se transformou na principal força na caminhada das CEBs e dos Círculos Bíblicos. Entretanto, é importante perceber que Medellín usou a Bíblia para motivar a sua opção pelos pobres: como pobreza material (14.4), como pobreza espiritual (14.4b), como compromisso no seguimento de Cristo (4,14c) que, “sendo rico se fez pobre (2Cor 8, 9).

A Palavra de Deus, devolvida ao povo nos círculos bíblicos, nas comunidades eclesiais de base e no movimento da leitura popular da Bíblia esteve no coração da revolução provocada por Medellín. Um trabalho que foi feito minuciosamente já que no dia a dia, os missionários animavam as comunidades a entender suas tradições populares como seus benditos antigos à luz da Palavra de Deus.

“Nas Missões populares escutei contar a um missionário do Nordeste como sua comunidade tinha interpretado o bendito que rezavam todos os anos na festa de São Pedro:

*‘Quando Deus andou no mundo
a São Pedro disse assim:
Se não quer pobre na porta
é que não me quer a Mim’.*

⁹ MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. *O caminho por onde caminhamos*. Reflexões sobre o Método de interpretação da Bíblia. Centro de Estudos Bíblicos. A Palavra na vida, nº 222. Ano 2006, p.5

*Escolheram a leitura de Jesus falando a Pedro (Mc 8,33): ‘Afastete de mim, Satanás’. A interpretação de alguém da comunidade foi rápida: Padre, bispo, gente que não gosta de pobre, é outro Satanás”.*¹⁰

Puebla (1979).

O estudo bíblico já tinha se espalhado pelo nosso Continente. Assim sendo, a Conferência adotou a expressão de Leão XIII e declarou que a Sagrada Escritura era a “alma da evangelização” (372). Ainda mais, ecoando as palavras do Concílio acrescentou que a Bíblia é “a fonte da catequese” (981). E recomendou a difusão da Palavra de Deus (1001) fazendo referência à Federação Bíblica Católica e a sua finalidade bíblico-pastoral.

De fato, já antes e mais ainda depois de Puebla, multiplicamos os encontros bíblicos de formação, os folhetos bíblicos, as Semanas bíblicas na nossa evangelização. Era tempo muito difícil de lutas e organizações populares frente às ditaduras em muitos países do nosso Continente.

Ao relatar as opções pastorais da Igreja, os bispos insistiram nas atitudes de escuta, celebração e proclamação da Palavra de Deus para dar testemunho, anunciando e denunciando as situações de pecado, para construir uma nova sociedade. Temos que interpretar a Bíblia tanto quanto a vida, à luz da Bíblia. Foram marcantes as últimas palavras de Puebla sobre o que devia ser a Igreja:

“... Uma Igreja evangelizadora que testemunha, proclama e celebra essa Palavra de Deus, o Evangelho, Jesus Cristo na vida. Uma Igreja que ajuda construir uma nova sociedade em total fidelidade a Cristo e ao homem no Espírito Santo. Uma Igreja que denuncia as situações de pecado, que chama à conversão e compromete os fiéis na ação transformadora do mundo” (1305).

Anos depois, recolhíamos os frutos de ter semeado essa fé e essa Igreja entre os mais pobres e sofridos. Re(cor)do, passo pelo coração, minhas memórias:

“O grileiro e os pistoleiros tinham queimado casas, houve tiroteio e mortes. Os homens ficaram na mata, armados com espingardas pra se defender. As mulher e crianças nas casas, morrendo de medo. Reuníamos para conversar, rezar e juntar coragem. Ninguém dava conta de ler a Bíblia, como era nosso costume. Mas lembrávamos de algumas histórias. Aquele dia, a Maria contou a história de Débora e Jael. Quando ela falou uma oração, algo assim como: ‘Que teus inimigos pereçam, Senhor. Que teus amigos sejam fortes como a força do sol a meio dia...’¹¹ De repente a Luisa deu um grito de alegria. Ela teve uma idéia e contou para nós! Combinamos tudo direitinho. À tarde, com alguns homens que ficaram conosco, fomos à pista de pouso da fazenda. Fizemos muito buraco e amontoamos muita pedra. Depois de dois dias apareceu o avião. Nós, observando. O avião desceu para pousar e subiu logo. Gritamos de alegria! Não dava pra aterrissar. O grileiro, de carro, não tinha coragem de voltar pelo acontecido no último tiroteio. Sabia que os nossos homens estavam na tocaia, defendendo nossa terra... Foi mesmo a vitória! E fomos rezar, reunimos na

¹⁰ BUDALLES DIEZ, Mercedes. “Memórias de uma missão”. Anotações não publicadas, p. 15.

¹¹ Citava a oração da Bíblia (Jz 5,11)

Capela, agradecendo a Deus. Tudo aconteceu como o Pe. Ricardo e Aninha disseram. Deus estava conosco na luta pela vida!”¹²

Santo Domingo (1992).

Esta IV Conferência respondeu aos anseios das Igrejas sobre a pastoral bíblica, desejos recolhidos durante a preparação para a conferência, impulsionando e concentrando a evangelização a partir de uma visão cristocêntrica.

Por um lado, Santo Domingo enfatizou que a nova evangelização teria força renovadora na fidelidade à Palavra de Deus (27) que com o lema ‘Jesus Cristo ontem, hoje e sempre (Hb 13,8) conferiu um caráter cristológico ao documento final. Por outro lado, a Conferência trouxe dois textos bíblicos do Evangelho de Lucas que fortaleceram sua proposta de animação das comunidades dos fieis.

O texto de Lucas 24,13-35, o dos discípulos de Emaús, reforçou o método de leitura que deveríamos assumir. Caminhar junto ao povo, escutar, dialogar com fundamento bíblico e sermos reconhecidos pela partilha seria a melhor forma de evangelizar. Lucas 4,16-22 reforçou a opção pelos pobres.

Com alegria podemos afirmar que estes textos eram já orientação metodológica no Brasil, depois de um longo processo de reflexão e experiências. Por exemplo, dentro do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) desde 1990 se estudava e refletia a questão da Leitura Popular da Bíblia e a Educação Popular. Pouco depois se publicou o resultado desse estudo: ‘O caminho de Emaús. Leitura Bíblica e Educação Popular’¹³

Todavia e principalmente, entre as comunidades, se apropriavam da Bíblia à luz da vida.

“No primeiro momento, antes de começar a Semana de estudo bíblico sobre o Jesus da nossa fé, o Deus conosco, perguntei à comunidade: ‘Quem é Jesus para você?’ As respostas foram variadas: ‘Ele é meu amigo. Jesus é meu companheiro de caminhada. Ele é meu pai. Jesus sempre está junto de nós, na caminhada...’ Um lavrador de certa idade levantou a mão. Emocionado falou: ‘Deus é a essência da minha vida’. Ficamos em silêncio como deslumbrados por essas palavras. Ao ver a surpresa dos participantes, perguntei: ‘Você quer dizer que se abrimos um vidro de perfume, a essência se espalha e...’ Não me deixou acabar. O lavrador acrescentou: ‘Assim é Deus na minha vida, Jesus está em tudo o que eu faço. Ele é o Deus conosco’

Ali estava um homem que falava não a partir do conhecimento intelectual, mas da sabedoria cotidiana. Sabedoria cuja fonte é o Espírito da vida, que sopra onde quer e suscita luz e clareza sobre as pessoas simples, unindo-as com uma sensibilidade maior”¹⁴.

Só a modo de memória: O então Cardeal Joseph Ratzinger, em entrevista em 1995, viu na leitura popular da Bíblia, uma importante contribuição da Teologia da Libertação latino-americana:

¹² Depoimento de Dona Antonia, Bela Vista. Município de Conceição do Araguaia, PA, 1987. In BUDALLÉS DIEZ, Mercedes. “Memórias de uma missão”. Anotações não publicadas, p. 25.

¹³ DREHER, Carlos A. “O caminho de Emaús. Leitura Bíblica e Educação Popular”. Serie A Palavra na Vida. Nº 71/72. CEBI. Ano 1993

¹⁴ BUDALLÉS DIEZ, Mercedes. “Memórias de uma missão”. Anotações não publicadas, p. 41.

*“A exegese deu-nos muitos elementos positivos, mas também fez com que surgisse a impressão de que uma pessoa normal não é capaz de ler a Bíblia, porque tudo é tão complicado. Temos de voltar a aprender que a Bíblia diz alguma coisa a cada um e que é oferecida precisamente aos simples. Nesse caso, dou razão a um movimento que surgiu no seio da teologia da libertação que fala da interpretação popular. De acordo com essa interpretação, o povo é o verdadeiro proprietário da Bíblia e, por isso, o seu verdadeiro intérprete. Não precisam conhecer todas as nuances críticas; compreendem o essencial. A teologia, com os seus grandes conhecimentos, não se tornará supérflua, até se tornar mais necessária no diálogo mundial das culturas. Mas não pode obscurecer a suprema simplicidade da fé que nos põe simplesmente diante de Deus, e diante de um Deus que se tornou próximo de mim ao fazer-se Homem”*¹⁵

Aparecida (2007)

Não podemos esquecer que, antes em 1993, o documento “A interpretação da Bíblia na Igreja” da Pontifícia Comissão Bíblica, tinha confirmado o nosso fazer bíblico. Talvez foi por essa razão que o método herdado, da Juventude Operária Católica de Joseph Cardijn, que orientou Medellín e que se inicia com o VER, destinado a desvendar a realidade, que prossegue com o JULGAR, para desembocar no AGIR foi retomado em Aparecida justificando a escolha:

“Em continuidade com as Conferências Gerais anteriores do Episcopado Latino-americano, este documento faz uso do método “ver, julgar e agir”... Muitas vozes, vindas de todo o Continente, ofereceram contribuições e sugestões nesse sentido, afirmando que este método tem colaborado para que vivamos mais intensamente nossa vocação e missão na Igreja: tem enriquecido nosso trabalho teológico e pastoral e, em geral, tem-nos motivado a assumir nossas responsabilidades diante das situações concretas de nosso continente. Este método, nos permite articular, de modo sistemático, a perspectiva cristã de ver a realidade; a assunção de critérios que provêm da fé e da razão para seu discernimento e valorização com sentido crítico; e, em consequência, a projeção do agir como discípulos missionários de Jesus Cristo (AP 19)”.

Com um firme alicerce nas ricas experiências bíblicas de toda América Latina, a V Conferência Latinoamericana sustentou no seu Documento final a importância da Palavra, para a evangelização:

“Os discípulos de Jesus desejam alimentar-se com o Pão da Palavra: querem chegar à interpretação adequada dos textos bíblicos, empregá-los como mediação de diálogo com Jesus Cristo, e a que sejam alma da própria evangelização e do anúncio de Jesus a todos. Por isso, a importância de uma ‘pastoral bíblica’ entendida como animação bíblica da pastoral que seja escola de interpretação ou conhecimento da Palavra, de comunhão com Jesus ou oração com a Palavra, e de evangelização inculturada ou de proclamação da Palavra...”
(AP 248)

¹⁵ RATZINER, Cardeal Joseph, “O Sal da Terra: O cristianismo e a Igreja Católica no Limiar do Terceiro Milênio”. Um diálogo com Peter Seewald. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 210-211

Parece interessante que o Documento conclusivo da Conferência se inspirou na mensagem inaugural do Papa Bento XVI que sublinhou a importância da Palavra e seus frutos na evangelização. O Papa lembrou “temos de alicerçar nosso compromisso missionário e toda nossa vida na rocha da Palavra de Deus”.

Como Gabriel Naranjo indica poderíamos sintetizar a história da pastoral-animação bíblica desde o Concílio Vaticano II até nossos dias:¹⁶

Entre 1965 e 1985: Houve uma preocupação com o texto bíblico para que ele chegasse aos fieis. As novas traduções e edições da Bíblia, as pequenas publicações para os Círculos Bíblicos, os folhetos editados pelas Comunidades Eclesiais de Base alimentaram a fé e a vida das pessoas com a Palavra de Deus.

Entre 1985 e 1993: O interesse era interpretar a Bíblia, encontrar chaves de leitura que respondessem as perguntas e iluminassem os problemas da vida. Houve muita preocupação com a formação de leigos e leigas para os diversos ministérios.

Entre 1993 e 2007. O encontro com o Jesus histórico animou a caminhada dos fieis. Cursos populares de Cristologia, aliás, em geral Cursos de Teologia para diferentes níveis culturais e acadêmicos, formaram seminaristas, religiosas e religiosos, leigas e leigos com um maior aprofundamento bíblico e teológico.

Por um lado, um fruto evidente e eficaz destes últimos anos é a interpretação dos textos bíblicos no contexto da vida pelo cunho hermenêutico junto ao exegético nos nossos cursos e publicações. A fidelidade à mensagem e a fidelidade à vida, às pessoas concretas, valorizou a inculturação da teologia e a fidelidade à mensagem evangélica. No Brasil, repetimos até hoje que a leitura bíblica deve ser feita à luz da vida e a leitura da vida à luz da Palavra de Deus.

Por outro lado, a nossa leitura bíblica assumiu explicitamente tanto seu caráter social, quanto o lugar social a partir de onde ela foi produzida e onde ela deve ser lida: o mundo dos pobres e oprimidos e sempre a partir e na perspectiva do Reino de Deus, cujo critério e cuja medida são sempre as necessidades dos pobres e excluídos da sociedade (Mt 25,31-46; Lc 10,25-37).

3. De Aparecida ao Sínodo dos Bispos

*"Esta a Palavra está bem ao seu alcance,
está na sua boca e no seu coração para que você a coloque em prática"
(Dt 30,14).*

Na XII Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos realizada no fim do ano 2008, a Assembléia nos enviou uma riquíssima mensagem para a animação bíblica na nossa ação pastoral:

“Agora, propomos a todos uma viagem espiritual, que se realizará em quatro etapas e que do eterno e do infinito de Deus, nos levará até as nossas casas e ao longo das ruas das nossas cidades”¹⁷

¹⁶ NARANJO, Gabriel, C.M. “El camino de la Pastoral Bíblica antes y despues del Concilio em América Latina” In Revista Medellin, vol. XXXV- n° 137/ Marzo 2009, p. 26.

¹⁷ p. 1. Extraído do *L'Observatore Romano* n° 044 P06-10-01, 10 Janeiro 2008.

Foram como quatro pontos cardeais expressados com imagens que deveriam nos guiar na vida e na missão: Palavra. Rosto. Casa. Caminho.

Na nossa fé a PALAVRA, voz de Deus, ressoa desde as origens da criação, rompendo o silêncio do nada dando origem às maravilhas do universo. Uma Palavra que penetrou na história atormentada pela dor e pela morte. Uma Palavra que, até hoje, chega para nós nas Sagradas Escrituras como testemunho de forma escrita da nossa história de salvação e que nos inspira sob a luz do Espírito como luz verdadeira.

Como afirma João “A Palavra se fez carne” (1,14). E assim apareceu o ROSTO de Jesus, Filho de Deus, homem mortal ligado à história, a um povo e a uma terra concreta. Esse Jesus, partilhando com as mulheres e homens, nos revelou o sentido pleno da vida. Ele experimentou a existência humana até a morte, mas ressurgiu e vive para sempre. Ele nos fez entender que as Escrituras são “carne”, ou seja, palavras humanas compreensíveis para a humanidade com a luz do Espírito. E é esse Espírito de Deus que nos conduz à CASA da Palavra, à comunidade, à Igreja. Lá, onde os ensinamentos, a comunhão fraterna ou partilha, a fração do pão, e as orações (At 2,42) nos fazem realmente irmãos e testemunhas do Reino de Deus.

Da Igreja, comunidade, sai a missão: “Ide, pois, e fazei discípulos entre todas as nações e batizai em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado”. Sempre a CAMINHO cumprimos nossa missão de partilhar nossa fé, esperança e amor.

De fato, orientados pela Palavra redescobrimos esse Jesus que nos conduz ao povo, às casas, à família, à comunidade, à Igreja. E ali acontece o milagre da partilha, a alegria da doação e da festa. Foi assim que com o povo pobre, aprendemos que a Palavra está bem ao nosso alcance, na boca e no coração. Com o povo pobre, mulheres e homens indígenas e negros, com os jovens e crianças podemos saborear uma nova maneira de aprofundar e viver a Palavra.

No Sínodo, segundo a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* sobre “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”, o Papa Bento XVI insiste que devemos assumir a “animação bíblica da pastoral inteira” (VD 76).

O Sínodo afirmou que a Palavra de Deus precisa estar em tudo o que a Igreja faz. Assim, a *Verbum Domini* enumera os diversos campos de ação: catequese (VD 74); formação bíblica dos cristãos (VD 75); insiste que deve ser primordial o uso da palavra em Congressos e Jornadas Mundiais (VD 76); na animação vocacional (VD 78-84) sobretudo na formação sacerdotal, dos religiosos e dos fieis leigos. O Papa sublinhou a relação da Palavra com as famílias (VD 85); e ainda repetiu insistentemente “a exigência de uma abordagem orante do texto sagrado como elemento fundamental da vida espiritual... com particular referência à lectio divina” (VD 86-87). O assunto repetido em todas as Conferências do Continente, a opção preferencial pelos pobres, foi acolhido pelo Sínodo afirmando que eles, os pobres, são ‘os primeiros que tem direito ao anúncio do Evangelho’ (VD 107). E ainda fazendo eco da preocupação ecológica e compromisso no mundo, o Sínodo se declarou na defesa da criação (VD 108).

Assumo e agradeço as palavras do Ir. Nery:

“Com a Bíblia na mão, a palavra de Deus no coração e os pés na missão, pessoas e comunidades, transformadas pela palavra do Senhor, semeiam abundantemente e cultivam cuidadosamente sementes dessa palavra, que

fazem produzir na Igreja e na sociedade frutos de amor, solidariedade, misericórdia, justiça e paz”¹⁸

Conclusão

“Com a passagem dos anos, os documentos conciliares não tem perdido sua atualidade: ao contrario, os seus ensinamentos revelam-se particularmente pertinentes diante dos novos apelos da Igreja e da sociedade atual globalizada”.

Papa Bento XVI. Primeira mensagem (20/04/05)

Para incentivar a participação e animar as catequistas, eu sempre usei cópias xerocs, retroprojetor, ultimamente data show. Uma catequista, lá no interior, perguntou: “Mercedes, eu gosto da sua criatividade. Mas, como fazer se nós não temos essas modernidades? Eu só sei contar histórias da Bíblia e da vida”. Minha resposta foi rápida: “Você deve ser e é uma excelente catequista. Você está fazendo do mesmo jeito que Jesus fez!”

Esta memória é para justificar as histórias que contei. Porém, para estimular o uso dos meios que temos ao nosso alcance quero mostrar outros meios de comunicação, outros ‘documentos’. Aprender das diferentes culturas, das gerações, da diversidade humana, sempre tem sido importante na educação e por tanto também na animação bíblica. Os povos ancestrais latinoamericanos nos convidam a retomar, hoje, sua rica experiência do Bem-Viver. Ela se expressa na vivência que os povos *Aymara, Quétchua e Guarani* tiveram, e ainda tem: uma profunda valorização de vida e de relações justas entre os seres humanos e com a natureza. Em 2008, esta memória e prática foram incluídas na Constituição do Equador e em 2009, na Constituição da Bolívia.

O “Bem Viver” é o sonho de um novo paradigma de civilização, cheio de esperanças de futuro. Ele não prevê um retorno ao passado, mas sim a construção de um futuro diferente do atual, determinado pelo desenvolvimento capitalista. E não quer ser interpretado como uma reinterpretação ocidental de um modo de vida indígena em particular. Ao contrário, o Bem Viver pode ser definido como uma plataforma que serve para reagrupar diversas posições, incluindo aquelas que nasceram no pensamento ocidental, cada uma com sua especificidade, mas que coincidem em questionar o desenvolvimento atual e em buscar mudanças querendo outras relações entre as pessoas e a Natureza. Ou seja, procurar uma passagem ao ‘Bem Viver’ exige marcar um equilíbrio entre a permanência e a transformação do que nós vivemos, equilíbrio capaz de gerar um movimento de mudança real. Cada nova transformação deve abrir as portas a um novo passo, evitando o estancamento e imprimindo um ritmo de mudança sustentável.

Na construção do “bem viver”, consideram-se dois eixos importantes:

1. O “bem viver” para todos, quer dizer, o combate contra uma sociedade de classes e privilégios.
2. O “bem viver” para sempre, que é o “bem viver”, não apenas dos sobreviventes e vencedores, mas o bem viver que dá voz e ouvido aos vencidos. Queremos devolver a história aos vencidos!

¹⁸ NERY, Irmão, fsc “Animação bíblica da pastoral” In Vida Pastoral, ano 53, nº 280. Ano 2011, p.8.

Como cristãos podemos compreender o Bem-viver como vida em plenitude e como sabedoria do reino, sem privilégios, sem prestígio. O nosso bem viver é resultado do bem viver do outro, e não como compensação transcendental, mas no aqui e agora. Os momentos de felicidade do irmão e da irmã podem iluminar nossa vida, como as dores de outros seres humanos nos mantêm no caminho e na luta.

A vida dos cristãos é anunciar e viver o Reino de Deus como libertação da servidão, nos fazendo servos de todos. A radicalidade da encarnação (e inculturação) tem o nome de solidariedade (*Gaudium et Spes*, 32). Solidariedade, hoje, significa despojamento e liberdade do supérfluo, para que todos possam ter o necessário para viver bem. Precisamos aprender a viver melhor com menos. No horizonte evangélico da igualdade radical não existe lugar para a apropriação privada da vida boa, nem da fé, da esperança e do amor.

Segundo a Sagrada Escritura, palavra de Deus, o ‘bem viver’ é o Reino de Deus!

“Num Curso sobre o Reino de Deus, um grupo de lavradores interrompia com perguntas próprias e às vezes meio difíceis de responder pela tradição do grupo que só conhecia uma leitura bíblica amarrada ao pé da letra. Num momento de silêncio um camponês levantou a voz e disse: ‘Já entendi. O Reino de Deus é Deus conosco. Nós com nós. Nós com Deus’.”¹⁹

Que assim seja. Deus conosco!

¹⁹ Contado por Lurdes Sampaio num encontro de Comunidades Eclesiais de Base em Goiânia. Ano 2011.